

NÃO SOU ÍNDIO, SOU GUARANI

AUTOR: REINALDO DE JESUS CUNHA

E-MAIL REINALDOPOTIGUARA@GMAIL.COM

RESUMO: Este artigo sobre o lugar de fala indígena, “Não sou índio, Sou Guarani”, é resultado da militância no CEDIND (Conselho Estadual dos Direitos Indígenas) na participação nas Assembleias Ordinárias e/ou Extraordinária realizadas tanto no contexto urbano na Cidade do Rio de Janeiro, bem como: nas Aldeias nas reuniões descentralizadas, onde se discutiu as políticas públicas voltado para as comunidades indígenas. Nesse trabalho trazemos a narrativa do Pajé/Cacique (acende fogo) de nome (branco) Augustinho da Silva, que faz uma relato da cosmologia guarani e seu lugar de fala no mundo. Usaremos com fontes de pesquisa: entrevistas, relatos de reuniões, material de pesquisa bibliográficas em site, redes sociais, livros, blogs e outros.

Palavras Chaves: Guarani; Cosmologia; Território; Educação e Demarcação.

NÃO SOU ÍNDIO SOU GUARANI

ALDEIA MATA VERDE – MARICÁ/ Tekoa Ka’ Aguy Ovy Porã

No dia 27 de Fevereiro de 2019, estivemos presente na realização da V Reunião Ordinária do CEDIND/ Conselho Estadual dos Direitos Indígena na Aldeia Mata Verde, com a presença de Conselheiros do Contexto Urbano e Aldeados, além de várias autoridades dos entes federados da administração pública em instância municipal, estadual e federal, para tratar de temas, como: Ocupação do território Guarani (Tekoa Ka’ Aguy Ovy Porã); Escola e Educação Indígena; Saúde e outros temas de interesse das comunidades indígenas com o sem representação no CEDIND. Segundo o portal das Nações Unidas de 17/12/17, A Aldeia Mata Verde Bonita em Maricá (RJ), que foi visitada por uma equipe da (UNIC Rio), é uma das oito comunidades guaranis no estado do Rio, onde moram 73 pessoas em uma área de proteção ambiental com mais de 90 hectares. Sua língua materna é a variedade mbya do guarani, um idioma indígena do tronco tupi-guarani, falado por milhares de indígenas do Centro-Oeste ao Sul do Brasil e em países vizinhos, como Bolívia e Paraguai.

Até “A preservação da língua começa pela prática. Ela está nas nossas moradias, plantio e cânticos”, afirma Tupã. O líder da



comunidade considera, porém, que o preconceito é um dos principais empecilhos para a manutenção do idioma. “Acredito que muitos índios deixaram um pouco de falar sua língua materna por causa do preconceito. Quando vão a cidade e perguntam se são índios, eles têm vergonha de dizer que são”. Tupã explica como é possível preservar a identidade cultural: “Vamos fazer as nossas ocas de palha, o plantio orgânico, sem agrotóxicos, vamos pescar, vamos nos pintar. Vamos ter orgulho de mostrar quem somos nós de verdade, dessa maneira vamos ser respeitados”. Na tribo, a primeira língua aprendida pelas crianças é o guarani mbya e apenas aos sete anos de idade elas estudam o português. Há dois anos, Jurema Nunes de Oliveira ensina o idioma indígena na escola municipal da aldeia, chamada Para Poty Nhe’ Já (**). “A língua guarani mbya é difícil de ser esquecida. Tem gente que diz que nós não somos índios. Mas nós trabalhamos com isso, vivemos com isso, é a nossa cultura”, diz. “Falar a língua materna indígena mantém as crianças pensando em guarani e sonhando em guarani”, afirma o professor Domingos Nobre, do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Nobre explica que a educação tradicional indígena é um fenômeno social em que os mais velhos transmitem seus conhecimentos às gerações mais novas, por meio dos exemplos e do convívio comunitário. “Ela se dá de forma contínua, regular e está baseada prioritariamente na tradição oral. Não depende, portanto, de escola nem de escrita”, afirma o educador. Para ele, a implantação de escolas indígenas bilíngues, diferenciadas e interculturais representa a imersão de crianças e jovens no universo do letramento. “As escolas possibilitam o uso da língua portuguesa para a defesa de direitos étnicos, permitindo a inserção de jovens lideranças num campo de disputas simbólico, onde a escrita e os conhecimentos ocidentais pesam para uma maior conquista de direitos sociais, como à saúde, à terra e à cultura”, afirma o professor. (Site:www.nacoesunidas.org)

Segundo teorias antropológicas: “A Terra Sem Males”, faz parte da cosmologia guarani e do universo religioso tupi-guarani antes da chegada dos conquistadores. A busca de um paraíso imaginário e contra inimigos hostis, ou até mesmo, contra o colonizador branco. Fizeram a saga da migração forçada. A migração e emigração estão no DNA de sobrevivência da comuna e/ou ainda a convivência pacífica para sobreviver as intempéries da vida. A ocupação da ALDEIA MATA VERDE, nos conta Darci Tupã em bate papo informal e entrevista a grande mídia. Afirmou que o território “Tekoa Ka’ Aguy Ovy Porã” foi uma articulação da comunidade e acordo pessoal com o ex-prefeito Quaqué, representante da prefeitura de Maricá na ocasião. Segundo Tupã, o lugar escolhido, era rota e caminhada natural dos antigos guaranis; E que o lugar onde estão hoje, é lugar de pertença da comunidade guarani. Na reportagem acima, continua Tupã: “Temos uma história muito linda com o povo de Maricá, sem nunca abrir mão de nossa cultura; A melhor maneira de

promover nossa causa é recebendo as pessoas na aldeia. seja pelo esporte, turismo, educação; E muitas vezes, por causa das políticas mal dirigidas à nossa cultura, nós pisamos em espinhos. Mas com tantas caminhadas, já estamos calejados. Então, que esse espinho possa se quebrar e nossos pés possam se curar para que nunca se ande para trás, sempre para frente. E a palavra que eu encontro em guarani é 'mbara ete': forte, muito forte, como fibra, para nunca deixar quebrar". Relembrando o que disse a representante da prefeitura, da Secretária de cultura de Maricá, Andréa Cunha na ocasião: "É uma oportunidade da nossa cidade fazer o resgate e valorizar as culturas tradicionais, criando um contraponto com a sociedade atual, tão marcada pela exploração da natureza; O modo dessa construção é pautado pela aldeia, pois entendemos que a forma de ver o mundo implica na maneira de existir". De lá pra cá, diz Tupã: "idas e vindas tem sido uma constante entre prefeitura e autoridade da administração pública". Em seguida a nota da Aldeia Maracanã, disponibilizada nas redes sociais, sobre a situação política:

O CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS INDÍGENAS DO RIO DE JANEIRO-CEDIND INFORME ABA-JAN 2019. A criação do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Rio de Janeiro – CEDIND, em 2018, foi um importante passo para a garantia dos direitos dos índios aldeados e em contexto urbano dos municípios e estado do Rio de Janeiro. Instituído pelo Decreto Governamental Nº 46.218, de 11 de janeiro de 2018, o CEDIND é órgão colegiado permanente e de caráter consultivo, vinculado, no momento de sua instalação, à Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Políticas para Mulheres e Idosos (SEDHMI), onde possuem assento: lideranças e representantes das comunidades indígenas aldeadas; organizações indígenas representativas dos índios em contexto urbano do Estado do Rio de Janeiro; representantes da administração pública direta e indireta; representantes de universidades e de instituições, públicas ou privadas, com atribuições afetas à questão indígena. [...] O CEDIND estava articulado, na ocasião de sua criação, no governo anterior. Todavia, fomos todos surpreendidos pela ocorrência de um incêndio - dito criminoso - na aldeia indígena Tekoa Ka'aguy Hovy Porã (Mata Verde Bonita), localizada na Restinga de Maricá, RJ. Ficou agendada, para o dia 6/2/2019, visita de representantes da Subsecretaria de Desenvolvimento Social (Sra. Luana Braz e Sra. Monalysa Alves/CEDIND) e da Defensoria Pública (Dr. Thales Arco Verde/CEDIND), acompanhados por representantes da Prefeitura de Maricá, para apuração dos fatos relacionados ao incêndio e de denúncias de violações locais de direitos humanos. De acordo com o que foi relatado até o presente momento no grupo de WhatsApp do CEDIND, após essa visita, ficou decidido que tudo o que ocorrera na Aldeia Mata Verde Bonita seria registrado na Polícia Federal de Niterói. Além disso, sobre a garantia do território para os que hoje habitam a Aldeia Mata Verde Bonita na Restinga de Maricá ficou estabelecido que os aldeados iriam chamar uma reunião com a "IDB/Brasil - Iniciativas e Desenvolvimento Imobiliário" - empresa ligada ao grupo/holding espanhol Cetya - responsável pelo



empreendimento “Fazenda São Bento da Lagoa” e proprietária da área em que a Aldeia está localizada. Vale ressaltar que a criação da Aldeia Mata Verde Bonita resultou de impasses, contestações e, finalmente, de um acordo entre os índios, a Prefeitura Municipal de Maricá e a IDB Brasil, em que ficou pactuado que a aldeia permaneceria ali e faria parte do complexo turístico e residencial previsto para a área. Sobre o processo de territorialização dos índios da Aldeia Mata Verde Bonita, convém pontuar que, ao longo do tempo, estes vivenciaram vários deslocamentos pelo estado e sucessivas negociações até chegarem à Restinga de Maricá, quando passaram a ocupar uma área que parece ter sido objeto de várias disputas. No site da IDB/Brasil, o empreendimento turístico “Fazenda São Bento da Lagoa” é apresentado como “colaboração decisiva para o desenvolvimento sustentável da cidade de Maricá”, “por aliar, numa área de 840 hectares, de forma inovadora, respeito ao meio ambiente e responsabilidade social, num complexo turístico, esportivo, comercial, empresarial e residencial”. Segundo o que foi informado pelos que estiveram presentes na reunião do dia 06/02/2019 há algum tempo lideranças indígenas locais dialogam com a IDB/Brasil sobre a incorporação da Aldeia Mata Verde Bonita ao empreendimento. A representante da ABA no CEDIND, prof^a Ludmila Moreira Lima, que assina esse informe, se disponibilizou para acompanhar a equipe na visita ocorrida no dia 6/02/2019, mas, segundo informaram, não haveria necessidade. A próxima reunião do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Rio de Janeiro ocorrerá, em princípio, no dia 26/02, na Aldeia Mata Verde Bonita - Maricá. A ABA estará representada. Rio de Janeiro, 08/02/2019

Abertura da Reunião do CEDIND, na Comunidade Mata Verde em 27/02/19.

Dando boas-vindas a Todos Conselheiros e a comunidade guarani presente. Os presidente do CEDIND, NINO representante dos Aldeados e Carlos Tucano, representante do Contexto Urbano, depois da saudação, passou a palavra a Darci Tupã, da Aldeia Mata Verde Maricá, que expôs os problemas da comunidade. “Acredito no que eu quero na minha aldeia, é lutar pela demarcação de terra. Não quero me iludir com promessas dizendo que vamos ter uma escola maravilhosa, um posto de saúde, e sim na posse definitiva”. Para isso diz Toni Lotar, indigenista e representante da ONG, Darci Ribeiro em sinal de concordância: “Para isso é necessário lutar para a posse definitiva da terra”. Intervindo com a palavra, Darci Tupã, continua: “Estou falando do meu sofrimento. Eu quero crescer como índio, valorizar nossa cultura, com a criação de um centro cultural e uma escola digna que atenda às nossas necessidades. Se um passarinho põe um ovo na mão de vocês e fecha na mão de vocês, vocês fecham dizendo: botei um ovo. Então, se demos o sangue para Maricá, lutamos. Temos o direito e queremos a nossa demarcação. Eu só quero a demarcação da nossa terra”, concluiu sendo muito aplaudido. Falando do conflito atual diz a Defensora Pública representante da

reunião: “É necessário ter um plano para essa desapropriação, uma vez que não estamos tratando de uma ocupação simples de uma comunidade ocupando um imóvel na cidade. Estamos sim, buscando uma segurança jurídica com o apoio da prefeitura que colocou os indígenas. É muito dura a realocação, pois se perde o vínculo com o território. É o território que consegue ser a matriz desse rio de direitos. Esse rio vai ser fertilizado com segurança, saúde e educação, na medida que o território é demarcado. Por mais que o poder público tenha tido uma ótima intenção de alocar os indígenas aqui da Cambinha para Mata Verde. É uma responsabilidade muito grande da prefeitura. O direito a terra é uma questão central para o CEDIND. Mas a questão mais importante é saber da prefeitura a real situação do local, pois é estranho saber que tem uma APA (Área de Planejamento Ambiental) e um empreendimento como um Resort” concluiu. Com a palavra a Cacique Jurema Nunes de Oliveira, comentou: “O povo guarani está sofrendo aqui anos e anos. Chegou a hora da gente lutar unido, com um posicionamento único. Nesse instante Jurema indagou a comunidade: “Vocês querem ficar aqui ou não”? Com a confirmação da comunidade dizendo que sim, Jurema disse: Então vamos lutar por esse território todos juntos e assinar um documento reafirmando que queremos ficar aqui. Pois, se chegar um pessoal querendo nos tirar com guerra, eu vou estar na frente, eu vou morrer pelo meu povo” pedindo união da comunidade. Com a palavra o Conselheiro Sergio Ricardo Potiguara, disse que devemos nos atentar a área de conservação que está inserida a APA de Maricá e o Sistema Nacional de Unidade de Conservação que está inserida na A Lei 9985/00. Segundo Sergio Ricardo: “No caso da Aldeia indígena de Itaipuaçu, ela está dentro de uma área de parque estadual da Serra da Tiririca. No Brasil foram criados vários parques sem levar em conta as comunidades quilombolas e indígenas. E isso tem dado muita discussão. A área em questão, é de 1 equitare, e não vale lutar por ela”. Intervindo na fala, Toni Lotar emenda: “Não vale lutar por ela”, disse. Continuando com a palavra Sergio Potiguara diz: Tem que ver Toni, se essa área é adequada para as novas gerações e futuras famílias que ali estão. Com relação a questão ambiental saliento que é muito difícil e a ALERJ, Assembléia Legislativa votou novo projeto ampliando o parque inserindo novas ilhas. Ou seja: Os parques não prevêem a presença humana nas demarcações e sim florestas. Com relação a Mata Verde, tem um ditado de Juruá que diz: “De boa intenção o inferno está cheio”. A figura jurídica (APA) de proteção ambiental, ela insere terras públicas e privadas que é diferente do Parque. É possível ter numa APA um Resort e uma Aldeia”, questionou? Continua: Se a obra está embargada com ações em andamento pelo Ministério Público qual a solução? Tem que

haver um estudo sobre a área dominial do poder público para estudo, para verificar se não está afetada para uso específico. Por exemplo: No Brasil as terras foram todas griladas e com falsificação de documentos e isso é de conhecimento de todos. Então, só vejo três hipóteses: O Grupo espanhol doaria a terra a comunidade guarani; A prefeitura faria a desapropriação do terreno e doaria para a comunidade guarani; E/ou romperia o acordo com a classe política e faria um novo acordo em que incluísse a compra da prefeitura do terreno para a doação da Terra”. Com a palavra Darci Tupã, relatou que em diálogo com os espanhóis, até o presente não conseguiu dados confiáveis de quem comprou essa vasta imensidão de terra. Sabe-se que, essa terra pertencia ao Padre Anchieta” salientou. Nino, representando os Aldeado, disse que o CEDIND, está fazendo o seu papel e isto esta acontecendo na base”. Finalizando, Darci Tupã, disse que o ex- prefeito prometeu esse território para os guaranis e trouxe os índios de Camboinha para conhecer aqui: “Aceitamos a proposta e a comunidade guarani veio mesmo desconfiados. Mas, depois da Aldeia ter sido queimada em Camboinha, visitamos o local e estamos aqui até hoje. Temos crianças que nasceram aqui e temos registros de cerâmicas guarani nesse território a mais de três mil anos. Depois de um ano aqui, conseguimos colocar luz, depois da ameaça de ocupação na AMPLA fornecedora de energia eles colocaram luz, mesmo em dia chuvoso. Em diálogo com os representantes do Resort, eles prometeram não tirar a gente daqui. Estou aberto o diálogo, mas não sem garantia. Queremos um acordo com a prefeitura, mais até agora nada. Queremos ter nosso Centro Cultural; Uma escola bacana com garantia. E não a difamação que estamos vendo nos meios de comunicação, dizendo que aqui é área de boca de fumo, prostituição e outros, nos desqualificando. Quem melhor do que o índio para preservar o meio ambiente. Quando chegamos aqui não sabíamos que essa área era de desova e isso não foi dito para os indígenas. Eu que ver os parentes morando em suas Ocas decentes, numa aldeia demarcada e isso não é pedir muito” desabafou.

ALDEIA ARAPONGA - PARATY

NA oportunidade de estar participando na qualidade de Conselheiro, da reunião ordinária e descentralizada do CEDIND, em 31 de maio/19, na Aldeia “Tekoá Guyraitapu Pygua (pronunciado /Guãraitapú Pã'guá/), conhecida pelos não-indígenas como Aldeia Araponga. Busco neste texto relatar alguns pontos importante debatido na ocasião, onde tivemos a oportunidade de ouvimos diversas ponderações de várias lideranças indígenas presentes, além do

Cacique Augustinho da Silva, que nos abrilhantou com uma entrevista exclusiva no auge do seu centenário, com os seus noventa e nove anos de idade na Aldeia Araponga. A aldeia está localizada em comunidade indígena guarani no município de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro, em unidade de conservação ambiental no Distrito de Patrimônio. **Sobre a Aldeia:**

O subgrupo Mbya, em Angra dos Reis, vive no alto da serra em meio à Mata Atlântica, de onde podem avistar o mar. Atravessar o mar e encontrar a Terra Sem Mal, o paraíso mítico, é o sonho dos Guarani. Na busca incessante desse paraíso, que segundo a tradição pode ser alcançado em vida, eles precisam cumprir e respeitar um conjunto de regras e conduta divina que lhes são transmitidas pelos xamãs. São elas que norteiam as relações que mantêm com a natureza, com todos os seres humanos e com os espíritos. É o modo de ser e viver guarani, o nandereko. Um bom lugar para viver, de acordo com o seu nandereko, é próximo ao mar, mas distante dele. Tem que ter terra boa para plantar, pois são, tradicionalmente, agricultores, mantendo roças familiares e plantando, em sistema de rodízio, os principais alimentos de sua dieta como o milho(awati), mandioca(mandio), batata-doce(djety'i), amendoim (manduvi) e feijão(kumandá), uma média de três hectares ao ano. Tem que ter um lugar para pescar, caçar e colher as frutinhas do mato. Costumam ter sempre próximo às casas de moradia(o'y) árvores frutíferas como complemento alimentar, tais como o abacateiro e a bananeira. A mata é necessária para os índios para colherem o material necessário para a construção de casas, cestos, arcos, ornamentos e objetos rituais, mágicos e religiosos. A Casa de Reza(opy) ocupa lugar de destaque, convergindo para ela todas as atividades significativas da aldeia. No seu interior, cuja vedação é completa para impedir a entrada de espíritos indesejáveis, os Guarani ouvem as belas palavras(porahei) proferidas pelos xamãs e realizam os rituais funerários, de cura, e do batismo do milho. É no pátio, em frente a opy, que se realizam as reuniões de deliberação da comunidade e o xondarê, dança lúdica guarani, quando todos brincam ao som do violão e da rebeca. São os xamãs, conhecidos também por rezadores, que, ouvindo as vozes e orientações dos deuses, os conduziram a esse (site:www.museodoíndio.gov.br)

Abrindo oficialmente dando boas-vindas a todos presentes, o Pajé/Cacique Augustinho, disse que não está na plenitude da sua saúde, pois a uma semana não vem se sentindo muito bem, porém bastante otimista e contente com a presença de todos os integrantes do CEDIND, Juruá e as comunidades Guaranis de Paraty. “A quase quarenta nãoos nesse território, nunca Juruá (o branco) veio aqui conversar com a Aldeia, nem os nossos parentes vem aqui. Graças a Nhanderú, estamos aqui para conversar com os parentes para discutir e resolver os problemas. Por isso estou contente com

a presença de Juruá para discutir pontos importantes, na saúde; educação; saneamento e outros. Vamos trabalhar e discutir os problemas da terra”, disse.

EDUCAÇÃO E SAÚDE INDÍGENA – ARAPONGA

Após a apresentação de duas músicas do Coral – Guarani de Araponga, o vice-cacique Nino Weraí’, presidente do CEDIND, representante dos povos Aldeados, deu cumprimentos a todos os presentes, que estavam presentes cujo o objetivo foi conhecer os problemas de perto, como os problemas para acessar a comunidade pela estrada; iluminação elétrica precária; problemas relacionados a saúde da comunidade e educação indígena guarani. Segundo Nino, são muitos a tratar, porém algumas conquistas estão a caminho como a melhoria da estrada e a ida do coral- guarani em visita a França para fazer apresentação: “A prefeitura de Paraty, acenou positivamente no apoio a melhoria na estrada, e já reservou oitocentos quilos de cimento. Já tem um trator melhorando a estrada para facilitar o deslocamento para chegar a Aldeia”. Outro ponto abordado foi relativo ao deslocamento dos jovens para a cidade. “Sempre falo para os jovens preservar e levar nossos valores culturais a onde quer que for”. Após a apresentação do Coral e a fala de boas vindas do Cacique Augustinho. Foi dada a palavra ao cacique-guarani Domingos, para as boas vindas: “Quero me desculpar por não estar tão ativo em participação, pois o trabalho vem me consumido, mas agora quero estar mais com vocês. Antigamente agente andava pela mata para chegar a um destino e hoje se a gente anda por aí, podemos nos deparar com o homem branco e gerar um problema. Ainda assim, tem brancos, Juruá que ainda se preocupa com os guaranis. Cada povo indígena tem seu modo de ser, mas o pai é um só Nhandêrú”. Em seguida foi dada a palavra ao Kaipó-pataxó, que fez considerações a respeito da saúde indígena. Segundo Kaipó: “o presidente da República, Jair Bolsonaro vem se posicionado contra os indígenas e a (Sesai), órgão responsável por coordenar e executar as políticas públicas voltada para a saúde indígena. Com relação a escola e a educação, estamos tendo dificuldade devido a investimento e apoio a diversidade indígena. Temos problemas com mães que não consegue levar as crianças para a escola tradicional, por que não tem as mães com quem deixar e a escola não está adaptada para receber estas mães”. Nesse momento perguntei o que está faltando para que o Conselho da Educação Indígena, possa interagir com o governo do Estado? “Kaipó disse que uma das questões que impossibilita os jovens indígenas nas escolas do branco e a questão do bullying escolar; as ameaças aos jovens que tem feito com que os jovens se afastem da escola

tradicional”. Relacionado a saúde da comunidade e educação indígena guarani. Em matéria publicada pelo Diário do Rio Com. Um espaço de amor ao Rio, publicado em 04 de junho de 19, por Felipe Lucena, sobre o CEDIND, sobre o abandono de Políticas Públicas para aldeias indígenas no Rio:

“De acordo com o Movimento Baía Viva, a Aldeia Mata Verde Bonita (Maricá), ainda hoje a escola infantil funciona em container de ferro – considerada uma “escola de lata” pela comunidade. A regularização fundiária não saiu do papel: a aldeia está localizada em uma área particular de um resort luso-espanhol (do grupo imobiliário IDB Brasil Ltda) que em 2014 teria prometido “doar” essa terra para instalação da Aldeia. “Até hoje, não foi assinado o documento de doação das terras. O licenciamento ambiental do projeto do mega resort encontra-se embargado por ação judicial movida pelo Ministério Público Estadual (GAEMA) por ameaçar a integridade da Área de Proteção Ambiental (APA) da Restinga de Maricá e sua rica biodiversidade. Por outro lado, até o momento, a prefeitura de Maricá não assumiu a responsabilidade legal pela demarcação das terras para assentar em definitivo as aldeias locais”, conta Sérgio Ricardo, do Baía Viva”.

Segundo Nino, são muitos a tratar, porém algumas conquistas estão a caminho. Em seguida Nino, representante guarani, faz seu desabafo dizendo que a escola-extensão de Araponga, não tem nada, recursos e pede ao Alexandre da Juventude indígena e o Argemiro, presidente do Conselho de Educação Indígena para comentar os assuntos de educação. Alexandre, disse que a grande dificuldade dos jovens era a repetência, pois estudavam e não passavam de anos, Mas foi muito difícil a continuidade, pois, os obstáculos, preconceitos são muito grande. “Conseguí terminar o fundamental e o básico com muitas dificuldades. Fui para Ubatuba que tem uma escola de ensino médio regular, que são mais sensíveis aos indígenas. Minha meta é fazer o ENEN e Cinema, para divulgar o nosso saber e falar da nossa cultura. Dessa forma penso em compreender as nossas dificuldades na área de saúde. educação. Tenho atuado e respeitado e aprendido com os mais velhos e isso que nos dar força para continuar. Alguns brancos até procuram saber sobre nossa cultura e eu explico a eles, mais mesmo assim, nos criticam, e isso a gente percebe no olhar. Acho que falta os pais dos alunos um conhecimento maior sobre os povos indígenas”. Com a palavra Argemiro, disse que a situação da educação indígena ainda está muito precária por falta de quorum e da participação do governo. “O ano letivo nosso começa em maio, por que não tem professores, e também eles não contratam professores indígenas. O Conselho indígena tem uma participação paritária e tem que ter consenso para resolver os assuntos. Falta capacitação aos professores sobre o saber

indígena. E por mais que a gente se esforce, depende de políticas públicas, formação de professores para que a escola tenha uma pedagogia que fale do povo guarani. As escolas indígenas estão abandonadas e quando indicam um professor ele não tem conhecimento da nossa realidade”. Marize Conselheira e Coordenadora do CEDIND da Educação Indígena, questionou Argemiro por que não contratam inclusive ele já que tem formação acadêmica na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Argemiro disse que os brancos não falam nada. “Não falam nada” risos.

Ainda no desenrolar da reunião, O Paje/Cacique (acende fogo) de nome (branco) Augustinho da Silva, nos prestigiou concedendo uma entrevista, em ano que se comemora o centenário do seu nascimento. Muito gentil e sorridente, confidenciou que seu nome de batismo, foi dado por seus pais, e que seu nome em Guarani, tem como referência: “acender uma fogueira, acender o fogo”. Em entrevista dada ao O Globo, em 2104, os Jornalistas Emanuel Alencar e Ludimilla de Lima, escreveram a saga dos povos indígenas do Rio, expondo idéias de especialistas e doutores da causa indígena cujo a tema da matéria: “O Segredo dos guaranis que ainda habitam o Rio”, menciona que no Rio, existem sete Aldeias, localizadas em Paraty, Angra dos Reis e em Marica, representando 000,4 da população fluminense. Na mesma reportagem o antropólogo José Bessa da UERJ, teceu o seguinte comentário:

Somente em 1972, com a abertura da Rodovia Rio-Santos, eles foram “descobertos” pelos fluminenses e o restante do Brasil. Até então, não havia oficialmente índios no Rio desde 1888, e os guaranis não faziam parte dos grupos que tinham habitado o estado. — Os guaranis têm o hábito de migrar, o que tem um fundo religioso. Vão em busca da chamada terra sem males, que é a terra que eles, por muito tempo, acreditaram existir em algum lugar no leste do Brasil. O Serviço de Proteção ao Índio, depois Funai, não reconhecia a existência de tribos no estado de 1888 a 1972 — explica Bessa, responsável pela estimativa sobre o total de índios no estado, que flutua devido às características dos guaranis. A aldeia Araponga é comandada com rigor por seu tutor. Se uma índia se apaixonar por um homem branco, ou vice-versa, o casal deve deixar a comunidade. Por lá é proibido jogar carta, ingerir bebida alcoólica, fumar “cigarro de branco”. Às mocinhas só é permitido o uso de saias compridas. E nada de colorir o cabelo ou usar piercing, avisa o cacique Augustinho.

Ao longo de sua existência morou em vários lugares, até a permanência em Araponga onde se encontra a mais de meio século. Segundo Agostinho, a sua migração foi longa, a começar com os Kaingang, no Rio Grande do Sul, passando por São Paulo e Santa Catarina. Depois dessa longa experiência veio para o Rio de Janeiro. Mas o que motivou mesmo,

segundo seus relatos, foi a violência e o alcoolismo nas grandes cidades, sobre influência do branco. “Isso me fez permanecer em Araponga, onde estou até hoje”, Daí em diante, foi uma longa jornada de lutas, para permanecer no novo território, diz Agostinho. “A começar pela morte do antigo Cacique, que veio a falecer”. No início, não houve preocupação quanto a ausência do Cacique, conta. “Mas com a morte do branco, que era dono do sítio, onde trabalhavam alguns Guaranis, a coisa se complicou, gerou alguns problemas para a comunidade”. Segundo ele havia um casal de Guaranis, trabalhando no sítio de Juruá, que o branco matou.”O sítio do Juruá, tinha muita plantação de aipim, batata doce, feijão, milho e animais como galinhas, porco e outros. “Não sabíamos o que fazer com aquela quantidade de coisas”, diz. Continuando: “Até que um dia veio um pessoal branco, onze ao todo visitando o território, dizendo que vieram de Brasília da FUNAI”. Os brancos segundo Augustinho, vieram procurar o Cacique, que tinha morrido. Mas como não havia cacique, perguntaram quem era o cacique da Aldeia, “Não tem cacique”, disse Augustinho. “Então, vocês vão embora”, disse Juruá para os Guaranis. Foi ai que a mulherada o elegeu para cacique, dizendo; “Você vai dizer para Juruá que você é o Cacique”, e assim foi, conta. A partir desse primeiro diálogo e contato, foram embora dizendo que voltariam em breve, o que aconteceu, “Voltaram um mês depois para demarcar a terra que estão até hoje”, No desenrolar do bate papo, o representante da FUNAI, perguntou ao Cacique, se queria tirar o branco, que está próximo ao portão da Aldeia. Augustinho disse que não. “Deixa ele lá, ele não nos incomoda, pois eu não quero brigar com Juruá, eu não sou índio, eu sou Guarani”, salientou. Com relação aos alimentos e necessidades da Aldeia, Augustinho falou: “Aqui tem muito milho, batata doce, cana, aipim, o que plantar dar. Fazemos a bebida de mandioca, para o nosso consumo”. Segundo ele: “É muito difícil comprar as coisas lá fora, pois temos que trazer de longe os alimentos com bolsa de sessenta quilos, fica difícil transportar pela estrada, por isso os nossos alimentos são daqui”, ponderou. “A única coisa que vendemos aqui e fora é o nosso artesanato, pois os turistas vêm, até aqui perto da cachoeira, e nos vendemos”. Com relação a cosmologia e Deus Guarani, conta: “Juruá tem o deus dele que é um só, e nós o nosso que é Nhanderú. “Quem fez a água... o fogo a lua... Juruá não sabe, indaga? E continua: “Eu as vezes sou o pajé por que trabalho com Nhanderú. Nós temos a nossa Casa de Reza onde todos da Aldeia participam. “Quando são seis horas, todos que estão aqui tem que estar pronto para participar, de banho tomado, limpos, para participar”. Em seguida diz: “os que estão dentro participam da dança, cânticos e reza A principal dança é do Xondáro e a dança do Pajé. Na dança do Pajé, as crianças não podem participar. Na dança das

meninas, os guerreiros não podem participar”. Com relação a violência cotidiana dos brancos, em município próximo de Paraty e Angra dos Reis, próximos da Aldeia, responde: “Vários de nós índios Guaranis, estamos deixando de fazer nossas rezas. É, Nhanderú olha pra você e ver que você está indo para forro dançar, beber. Então, Nhanderú deixa você e não olha mais” comenta. Com relação as influencias de Juruá, aos filhos Guaranis, diz: “Estando em embriagues, ele comete violência, mata, e não sabe o que aconteceu, Mas aconteceu por falta de conexão, por está com pensamentos ruim, sobre a influência de Juruá”, E continua: “E ai, só vem coisa ruim por que Nhanderú deixa você, é isso que está acontecendo”. Com relação as cercas dos territórios das casas de Juruá, que vimos nas cidades e vizinhanças, acrescenta: “Nhanderú não gosta de cerca, não adianta cercar nada, pois Nhanderú é dono de tudo”. Com relação a está sempre atento e conectado com Nhanderú, responde com convicção: “Quando você vai fazer uma oração, você tem que está focado, não pode se deixar desvencilhar por que alguém está falando alto, pois isso atrapalha. Então, você não pode deixar isso acontecer, ser interrompido. Se tiver foco, dessa forma, Nhanderú olha para você”. Com relação a compreensão do branco relativo aos direitos do povo Guarani, ao direito de existir, (filho do fogo) responde: “O branco tem outro idioma e Juruá tem o papel da terra. E os Guaranis não tem nada, pois, Nhanderú não deixou nada”. Mas, independente disso, diz: “Quando tem festa c vem muita gente aqui”. A última, diz: “teve mais de cento e oitenta Guaranis que se espalharam por aqui, em todo lugar”. E aproveitou para me perguntar: “Você mora onde?” Bom, eu mora na comunidade do Timbau na Maré. Lá não é como aqui sem cerca. Tudo é cercado, cada um tem um pedaço de cerca em seu território, e mora muita gente. Umas três mil, dez mil moradias, com um montão de gente espalhado. E para sair para trabalhar acorda cedo, pois tudo é muito longe. E quando chega em casa depois de um longo dia de trabalho, esquece de rezar para Nhanderú. Nesse instante o (filho do fogo), olhando eu contar ficou perplexo, com a fala do caos que são as cidades e espiritualidade. E comentou: “É, as vezes quando não estou bem, falo para a comunidade que não vai ter reza. Não é todo dia, semana a semana que rezamos, também tem isso”. Aproveitei para perguntar da Casa de Reza, se todos os que vêm para a Aldeia participam dos festejos dentro da casa, “Sim, todos participam, todos se acomodam dentro da casa de reza. A festa começa as 19h00 até as 3h00, da manhã. Em seguida, vão dormir espalhados pela Aldeia, pois o povo fica muito alegre com os festejos ao lado da fogueira” disse. Perguntando o que falta para melhorar a infra-estrutura, melhorar as condições de vida da Aldeia, respondeu: “Falta melhorar a estrada que dar acesso a Aldeia, além da energia elétrica que

não tem, para melhorar os deslocamentos”. Perguntei se tem cobra ou animais a noite que se deslocam pela Aldeia, confirmou dizendo: “Tem cobra sim, tem onça que passa por aqui a noite. Agente escuta: Aão, Aão, Aão. Ela vem para comer Juruá”. Perguntei: Ela ataca os moradores? “Não, ela ataca os cachorros da Aldeia, pois, os cachorros sabem quando ela vem. Ai agente os coloca pra dentro de casa”. Vocês já sabem que é a onça? “Sim, sabemos”. E continua: “Olha, lá em Bracuí, recente, faltou três cachorros na Aldeia. E todos não sabiam o que aconteceu. Ai o cacique falou para todo mundo se armar, para ver o que aconteceu. E ai, armados, para surpresa de todos que esperam na tocaia para surpreender o inimigo, com flechas, foice, facão e espingarda. A onça apareceu, atacou e matou o cachorro que montava guarda, saindo em disparada”. Perguntei: mas não fizeram nada mesmo armados? Será que ficaram com medo da onça, questionei? Em sinal de concordância disse Agostinho. “E ai, o cacique perguntou: “quem sabe fazer armadilha, indagando os membros da comunidade”. Nesse momento contou Augustinho: “O cacique perguntou a comunidade quem tinha experiência em fazer armadilha para pegar a onça? Então disseram que o mais velho da comunidade sabia fazer armadilha? Então, a solução foi falar com a pessoa mais velha da comunidade e assim foi feito. Com a armadilha feita, conseguiram pegar a onça”. Indaguei sobre a possibilidade de vir um forasteiro na aldeia de surpresa e qual seria a reação? “Aí o cacique vai observar a onça; O que Juruá vai fazer”, disse. “Ficamos na tocaia, aguardando os acontecimentos em silêncio. Depois de estudar, observar, a gente já sabe o que fazer. Não deixamos a criança chorar, pois, ela pode alertar o inimigo” contou. Continuando: “Aí o pajé fala: Não deixa a criança chorar para não alertar a onça”. Perguntei: Então tem que cuidar da criança pra ela cessar de chorar. Mas, por que a criança chora indaguei? “A criança chora por que está doente, com raiva da mãe e por isso ela chora. Ai agente fala pra mãe cuidar, rezar, para não chorar” esclarece. “Por exemplo: Você recebe uma notícia ruim, para ir resolver um problema. Aí você diz: e agora como vou resolver isso, nessa noite escura? Bom, aconteceu um acidente, e você sai. E, de repente você tem aquele medo de ir, pois, algo diz para não ir, e você não vai”. Indago se não é o sexto sentido falando? Concordou e acrescentou: “Bom, é bom não ir pois, pode acontecer algo com essa pessoa” advertiu. Ai, perguntei se as pessoas procuram a cura com o pajé e por quê? “Para resolver algum problema de saúde, uma cura espiritual, algo assim”, comentou. Com relação ao êxodo dos jovens para as grandes cidades, perguntei o motivo do desinteresse pelos costumes da Aldeia? “Os jovens de hoje não são como antigamente. Não pensam em cuidar da mãe, do pai, o que os pais querem fazer. São autônomos para decidir as coisas. Pensam em sair,

e vão embora sem escutar os pais”. Questionei se não seria influência dos celulares, o modo de ser de Juruá? “Balançou a cabeça”, concordando. Indaguei sobre a escola e falta de professores. Dizendo: Não seria por melhores condições de consumo, e/ou uma nova qualidade de vida na cidade? “Sim”, diz. “Olha meu filho Nino, tem quatro filhos e ele não quer os filhos estudando na escola de Juruá. Meu filho quando estava lá, observou que os filhos dos brancos só querem farra, namorar e ele não quer influência”. Sobre sua família, perguntei quantos filhos, tem? “Tive oito, mas quatro morreram. Só resta quatro e vinte netos. Mas, fora o Nino, os outros estão fora da Aldeia, morando em território do Juruá. Em Niterói, na Aldeia Mata Verde, tenho uma irmã e familiares que estão lá morando”. Dando seqüência a constituição e a importância da família acrescenta: “Ta vendo aquela menina de 12 anos, minha neta. Antigamente o pai pegava pela mão e apresentava ao parente para casar. Primeiro os pais conversavam, o filho construía a casa e iam morar junto. Um cuidava do outro”. E ai, perguntei: hoje não é mais assim para o senhor, não era bom? “Eu achava bom, pois o jovem na saia da comunidade, por que tinha que cuidar da menina e não saía da Aldeia. Hoje os jovens estão muito desobedientes, você fala mais ele não te escuta. Se o rapaz encontra uma moça ele vai para casa dela, de Juruá e não volta” reclama, “Olha aqui as meninas não podem vestir calça de homem, só vestido. Mas se ela for a cidade ela pode ir do jeito que quiser, mostrando tudo, menos na Aldeia”. Nesse momento apareceu o Nino, vice-cacique, seu filho de bermuda. “Olha ele pelado”, risos. Nesse momento apareceu sua companheira, Marciana. E aproveitei para perguntar sobre os vestidos das mulheres? “Nhanderú mandou vestir assim e não Juruá. Homem também tem que vestir calça comprida” disse. Também não pode ter cabelo comprido, só a menina emendou o cacique. “Meu pai falava para minha irmã. Se você usar calça, você vai virar homem, e minha irmã com medo não usava. Em outras aldeias, você ver várias meninas de calça comprida... blusa comprida, mudou muito”, confidência. O Pajé filho do fogo completou: “como é que você vai ficar com práticas de Juruá dentro da casa de reza, Não, não pode, diz”. Com relação a família emenda: “Eu tenho sete irmãs mas não sei onde elas estão. Por que não senta aqui na minha frente minha irmã. Quando tem dinheiro vai tomar cerveja, pro forro e esquece de tudo. Por isso não vem aqui”, reclamou. Perguntei se elas estavam proibidas de vir. Ele baixou a cabeça resmungando: “Não, não, hoje eu tenho uma irmã que casou com Juruá e está aqui hoje, casada a vinte anos. E não esqueceu da mãe. Hoje ela veio ajudar a mãe em alguma coisa, na cozinha, fazendo alguma coisa”, murmurou. E o que vocês vão fazer depois que nós do CEDIND, for embora: “Vamos nos reunir e fazer uma contemplação”. E o que

o cacique achou do CEDIND? “Muito bom. Graças a Nhanderú vocês estão aqui discutindo os problemas, ajudando os trabalhadores. Discutir quais são os problemas e como resolver. E isso é por causa de Nhanderú, Já fizemos três reuniões aqui, e vou participar e entrar mais em contato”, confidenciou. Finalizando o diálogo com o pajé (homem de fogo). Perguntei sobre a escola Guarani aqui na Aldeia Araponga que não conta com professor para ensinar as crianças. Do saber Guarani para se contrapor e ensinar Juruá o bem viver dos povos da floresta, comentou: “O branco fala muito do pensamento do Juruá. E isso influencia nossos jovens que pensa em uma profissão, em estudar as coisas do branco. E pensa: vou ser motorista... ser polícia... e esquece o que vai fazer na Aldeia, na reza” reclamou. Continua: Quando eu tinha treze anos o pai da minha mãe morreu e você vai ficar como guardião, como o Xondáro. E eu com uma varinha na porta da casa, fazia movimentos circulares antes das pessoas entrarem. E ninguém chegava ninguém entrava. E quando chegava a hora de adentrar, todos em fila entravam um a um. Eu digo: agora abriu para você entrar. E mas uma vez, eu levantava a vara, a pessoa entrava e acenava com as mãos levantava as mãos em reverência e entrava”. Perguntei se era para afastar os maus espíritos. E illustrei falando de Davi Kopenawa, Líder Yanomami que no seu Livro a Queda do Céu, Disse: “O Xapiri, o encantado da floresta quando está com raiva ele vem com uma espada cortando tudo com uma faca. Ele pode se transformar em uma praga, um terremoto, uma chuva intensa que destrói tudo, cortando tudo que vem e ver pela frente. Nesse momento o pajé/cacique observou com cuidado as palavras e mais uma vez e balançou a cabeça, refletiu e perplexo, disse: “Eu faço isso para que a pessoa não entre com aquele peso, com as energias negativas”. Eu disse as coisas negativas ficam aqui fora. “Sim é isso. E quando entra dão boa noite para o Pajé, todos juntos entram. E nos conversamos sobre o que aconteceu no dia, O que Juruá falou” concluiu.

Análise Conclusiva

O lugar da fala indígena dentro do universo contemporâneo ameríndio, faz com que nós militante indígenas, busquem o lugar de fala e o resgate da nossa autodeclaração; língua; oralidade; educação e/ou cosmologia; Em contraposição a visão eurocêntrica de mundo, impostas pelos dominadores que nos classificam como bárbaros. Ao escolher como tema: “Não Sou Índio Sou Guarani”, nas palavras Pajé/Cacique (acende fogo) de nome (branco) Augustinho da Silva da Aldeia Araponga, que nos concedeu a entrevista para esse artigo. Estamos construindo uma narrativa no lugar de fala do sujeito do

protagonista da história. E essa construção não se limita a escrever e editar para os indígenas e não indígenas, ressignificando a nossa visão de mundo. Mas explicar que a educação tradicional indígena é um fenômeno social em que os mais velhos transmitem seus conhecimentos às gerações mais novas, por meio dos exemplos e do convívio comunitário, “sem mediação alheios a ele”. Pierre Castres vai dizer que a sociedade indígena é naturalmente contra o estado, por não ter a preocupação com a distribuição de lucros e o acúmulo de bens, característicos da sociedade branca. Ontem e hoje os indígenas e os negros são exterminados diariamente por Juruá, sem reparação sócio, política e econômica. Muito temos que aprender com as nações indígenas a principal, é na preservação da natureza e do ecossistema equilibrado, com respeito a fauna e os animais. Pois, na natureza tudo tem vida, tem um sentido. “Xapiri”, mandou dizer a Juruá que o Céu Vai Cair Sobre Nossas Cabeças por causa da destruição do meio ambiente. A voz a fala não é do humano, mas do encantado da floresta e devemos levar a sério. Falar de território é falar de reparação as comunidades indígenas e quilombolas, contra o “Marco Temporal” defendida pelas elites dominantes, que só reconhece como indígena, aqueles que estavam no território antes da constituição cidadã de 1988. Em pleno século XXI, temos assistido por parte do representante da nação brasileira, que índio não serve para nada e tem muito terra. Esse lugar de fala de Juruá, tem incentivado a destruição das terras demarcadas, além de levar epidemia de doenças as comunidades indígenas. Chegou a ora da juventude indígena ocupar os espaços que são de direito nas universidades públicas, construído, contrapondo, reafirmando o saber dos ancestrais, contra o etnocídio branco. Alguns acadêmicos indígenas vai dizer que a arma do índio está em escrever na cascara da árvore para o branco. Mas entendo que não precisa, pois, basta ver nas pinturas dos corpos indígenas a narrativa indenitária de sua comunidade.

Referências Bibliográficas

O Segredo dos Guaranis que ainda habitam o Rio; Emanuel Alencar e Ludmilla de Lima -
<https://oglobo.globo.com/rio/o-segredo-dos-guaranis-que-ainda-habitam-rio-12596252>

Site: Aldeia Araponga

<http://www.samaumaviagens.com.br/samauma/aldeia-araponga/>

Wikipedia - [www.pt.wikipedia.org/wiki/Araponga_\(ave\)](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Araponga_(ave))

Vídeo no youtube: Aldeia Mata Verde Bonita

https://www.youtube.com/watch?v=G_3axjIPaIE

Vídeo no youtube: Cacique Augustino – Araponga- Rj 31/05/19

<https://www.youtube.com/watch?v=F-KkV0rnM-k&t=2683s>

Vídeo no youtube: Educação Guarani – Aldeia Araponga- Paraty Rj

<https://www.youtube.com/watch?v=pSgztiEBI7E>

CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS INDÍGENAS DO RIO DE JANEIRO-CEDIND -

http://www.aba.abant.org.br/files/20190211_5c6173d4a03d2.pdf

Literatura Indígena Brasileira Contemporânea – Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia e Fernando Danner (Orgs)

Site: Aula.org.br: IPA THEÃ ONI: Fecha para a sociedade Não Indígena – Reinaldo Cunha -

<https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/Jornal-2019-006.htm>

Site: Aula.org.br: A Ética da Filosofia Kemética em Maat, e Intercessão da Cosmologia Indígena de Xapiri na Aldeia Maracanã.

Reinaldo Cunha

<https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/Jornal-2019-002-1.htm>